

Revista do Correio Paulista
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS 29
SÃO PAULO
REPARTIÇÃO DE ESTAMPAS
ARQUIVO

PRIMICIAS

Organ dos alumnos da E. Complementar de Campinas

ANNO I

Campinas, 19 de maio de 1908

PRIMICIAS

Arroja-se hoje em demanda das regiões do jornalismo literário, mais este desprezencioso periodico, que na sua passagem pela senda escabrosa da imprensa, sómente terá por objectivo o ensaio de jovens preparatorianos nas luctas pela instrução.

Tudo quanto a intelligencia humana pudesse dictar, para em arrojadas phrazes pronunciar a exhortação dos bons anjos da inspiração e da poesia para ser a estrella fagueira que ha de conduzir esta caravana atravez de tantos e tantos dias de luctas fatigantes, tudo não podia ser mais eloquente que o programma singelamente traçado pela penna vacillante, quasi medrosa, do estudante da Complementar.

Este panhado de flores que hoje airmamos sobre a fronte de distinctas e gentis colégas e que depositamos nãomãos dos nossos soçitos condiscipulos, é as «Primicias», é o periodico por nós tanto anhelado, — o fructo de nossa aspiração de moços, o nosso legado — recordação bastante grata, quando já velhos e alquebrados pelas interminas luctas do viver, lançarmos as nossas vistas cançadas, pelas columnas das «Primicias» da Complementar.

Vivemos unicamente para os alumnos desta templo, onde incessantemente a poderosa Minerva é invocada, o nosso periodico será o líbraro desfraldado pela mocidade estudiosa, em prodios grandes e generosos committimentos.

Literario, exclusivamente literario, o nosso modesto

A BORBOLETA

Ella que douda vã, indecisa e vaidosa, estendendo faceva as asas cõs de névo, aqui subindo ao alto, alli descendo léve, pousando numa flor e noutra caprichosa!

E assim crendo na luz, não vê que tenebrosa, a tempestade vem, e cá, e nessa grêvo dos elementos, ella, a borboleta em breve, no desso turbilhão debate-se medrosa!

E quando a chuva cessa e o sol reaparece, numa torrente alli, qual vela albrintente, fluctuando a borboleta, incertamente desce;

e voga, e assim descendo, anda torrelinhando, e esvaindo-se vao, aos poucos, lentamente qual de nós'alma um sonho cevas-se tremulando!

Bay Vas



O TROPEIRO

(EXCERPTO)

As horas passam, o sol declina, a brisa crepita nos areiaes, suspiram as folhas secas com o perpassar dos favonios que vem mais furiosos.

E, a tarde que surge no caminho do dia com o seu cortejo de tristezas,

De quanta taciturnidade não se reveste a natureza do sertão nessa hora sombria em que o sol tramonta no derradeiro tope, que se avista nos remotos planos, para vir doirar as grimpas das painceiras...

O verdadeiro sertanejo que ama as suas terras e que se encanta quando ouve o marulho das corredeiras, não presta attenção nessas mu-

danças do tempo. Não percebe se o canario tornou a chilrear ou se a araponga piou pela ultima vez; não viu a nuvem de tristezas que chegou envolta no sensual umbroso do crepusculo que se derrama pelas cristas das colinas visinhas.

Para elle tudo isso é insensível.

Se tem luar continúa a derrotar sem se interromper; se a escuridão continúa augmentar-se apressadamente para a primeira borda dum regato, arma sua barriaca indispensavel e depois de fazer o fogo na frente da choça para afugentar os terríveis pernilongos e amedrontar as onças dos arredores, o tropeiro entrega-se a um sono doce e invejavel, povoado de sonhos phantasticos e de superstições que a sua alma sentiu quando atravessou a mata.

No outro dia, quando o sol vem rasgando os nevoeiros e as virações beijando as petalas já desabrochadas das flores agrestes, o roceiro desperta; busca o animal e prosegue a viagem assobiando baixinho uma balada dos seus costumes, sem contemplar os roseos clarões da madrugada, sem se encantar com o mavioso gorgoleio do sabiá, que trina para saudal-o quando desaparece na curva agra da estrada...

Campinas, 908.

J. C.

CRONICA

(21 de abril)

Um dos grandes rasgos patrioticos da mocidade é por certo, a veneração pelas grandes datas, por aquellos

20069

factos que ao contrario de empannar o brinco de sua patria, dignificam e servem de apoio aos feitos dos seus benemeritos filhos.

Si bem que esse amor pelas grandes coisas pareça sentir-se moribundo no coração dos veidos desiludidos do mundo, daquelles que as roseas esperanças se foram com o declinar dum punhado do primavera, ao contrario, para os moços, rejuvenece-se, porque os jovens de hoje são as esperanças da patria, a gloria do povo, porque as effervescencias vulcanicas da amorosa mocidade, rebenta-se em effluvios risonhos, e essa larva brotada dos arcanos do coração nobre, da nobre mocidade, não é nada mais que o amor da patria em toda a sua plenitude, não é nada mais que a mesma mocidade ávida de glorias fulgentes.

O amor da patria essa loira creatura que mysteriosamente vincula todos os cidadãos de uma terra, tornando-os sensíveis a todos os chamamentos da patria, esse amor dignificante que sómente é comprehendido pelos corações bem formados, merece culto especial da mocidade sempre gloriosa, e eis porque essa pleiada generosa das nações a companhia com indefinido interesse os destinos da patria, já chorando lagrimas bem sentidas quando o seu torrão natal enluta-se, e já irradiando-se de alegria quando os horizontes da patria dilatam-se no dominio dos povos.

Nós, os que estudamos para a educação dos futuros homens da patria; nós que podemos dizer—seremos os preparadores dos bons patriotas, o alicerce da nação, porque não havemos de hoje fazer a nossa profissão de fé, deixando falar o nosso coração com as suas tantas e velozes pulsações?!

Somos brasileiros e o brasileiro é patriota innato!

A nossa alma quer voar com a inspiração do poeta para depois escrever com assetinadas palavras, traçando as phrazes com as

azulinas cores celestes, tiras e tiras de papel sobre o glorioso dia de hoje...

Mas não! deixemos em paz os que dormem o sono dos justos e só digamos: hoje que o brasileiro recorta com tristeza o lugubre drama denotado ha já tantos annos, e cujo protagonista foi o sublime Tira-ventes, nós os moços que hemos de ser os herdeiros perfeitamente legados do brio nacional, não podemos deixar de, em nome da mocidade, terminar esta cronica dizendo: dorme socegado martyr da liberdade, magno Tira-ventes!

As torturas que soffreste e a morte cruel que tiveste por causa duma idéa altamente definida como a grita dos corações brasileiros por uma oppressão cruel, foram sempre a voz mysteriosa que clamou incessantemente, até o epilogo thronal com a jornada de 89! Dorme, pois, tu és aquella fulgida cabeça que dentro o sangue espadanado no cadafalso, jorrou luz de esperança para os horizontes da patria, onde os vagos reflexos de tua grande alma illuminam agora a serena manhã da democracia.

Dorme martyr, o sono dos justos!

Abril de 908.

L. C.

Cartão Postal

Quando nas horas caladas da noite, triste e fatigado do labor diurno, ouço o clangor da corneta dos quartel vizinho anunciar o momento em que todos devem se entregar ao sono, peço nos meus livros amigos para collocar-os na gaveta; e ao abril-a, sem fazer sequer nenhuma bulha, diviso lá bem no fundo, entre uns papéis amarrotados, um cartão, que assim como os outros, está esbranquiçado pelo enorme espaço de tempo que alli repousa.

E ao contemplar esta tira symmetrica de papelão, sinto uma saudade amorosa reaparecer em meu coração, não uma dessas que recordam a juventude, mas uma

saudade que relembra factos que nunca mais hão de se reproduzir, factos esses que vem despertar em minh'alma os sonhos cor-de-rosas que deviam na actualidade se tornar reaes.

E enquanto as auras sopram levando nas suas azas mysteriosas os echos desmaiados da corneta, eu apodero do meu querido cartão e passo os olhos pelas palavras que elle comporta, admirando esta sentença: "Sinceros parabens pelo dia de hoje." que ha annos não a leio.

Lembrando de quem a escreveu, a minh'alma se desprende de meu corpo para falar com esse ente que repousa no chão humido de uma sepultura, e como se estivesse sonhado vejo os seus pés que de leve batem nas calçadas, e vejo o sorriso meigamente deixando apparecer duas graciosas covinhas no rosto, e por fim encontro-o traçando essas poucas palavras, que nesta hora solitaria parecem nutrir contra mim um odio indissolvel.

E no entanto a noite vacillando, o seu silencio é sómente interrompido pela voz da sentinella; lançando mão da penna tento escrever mais alguma cousa, porém Morpheu ordenando-me que durma entrego-me a um sono invejavel povoado de sonhos doces e illusorios.

JOHN TORIM.

A orphã

Coitadinha! tão pequena, tão meiga como a rola da selva, e já sem os carinhos paternos, e já sem os affagos dos conselhos de seu extremo pai.

Elle, que a adorava extremamente, foi arrancado do numero dos vivos pelas garras da terrivel parca, deixando-a sem as suas caricias, condemnada a soffrer penosamente sempre coberta pelo crepe da tristeza.

Pobre menina! Todos se magoam ao contemplar sua imagem pallida como o luar, que sobressa perfeitamente no meio dos seus cabellos

bastos e negros dispostos sem nenhuma arte; todos se entristecem ao lilar uma lagrima suspensa em seus olhos ternos e melancolicos que traduz as maguas que habitam seu coração.

De quando em vez um sorriso paira em seus delicados labios, mas se vê claramente que é um sorriso forçado sómente para corresponder o contentamento de suas amigas.

E é triste vel-a toda de luto, mas de um luto pesado, com aquelle cabello tão singello, com aquelle olhar tão terno e com aquelle semblante tão tetrico, capaz de commover a minh'alma.

Pobre menina! tão carinhosa, tão pequenina, e já sem os carinhos de seu bom pai...

Campinas—4-908.

RAUL P. VIANNA.

NO JARDIM

A tarde cahia lentamente. Laurita, esbelta e loira menina de seus quinze annos não queria voltar para casa (tão cedo, pois os folgoados a convidava a permanecer no jardim.

As cores cambiantes do céu, em fogo na hora crepuscular, eram bellissimas; tudo convidava aos passeios campestres, tudo era poesia.

Nós corriamos alegres pelo jardim em fóra, já perseguindo as lindas borboletas que adejavam serenas, já correndo no encalço dos passaros fatigados que procuravam o repouso; e ella, o anjinho bello, a rainha daquelles arredores, pois tudo parecia enflorar-se na sua belleza e na sua graça para tornal-a mais encantadora, saltitava com as faces em fogo, perseguindo uma avesita desculhada...

Era bello vel-a correr em sinuosas direcções, e mais engraçada tornava-se a lucta entre a menina caprichosa e a avesinha, pelos enganos que Laurita levava.

Em um dado momento, sem que a gracios creaturinha esperasse, eis que um rosal inclemente antolha os seus passos criando de chagas as suas mãos setineas.

esconde-se atra-
hagens verdes, e
fingendo-se tão ino-
agredida pelos es-
das bellas rosas, vol-
ta-se toda tristonha, e pa-
recendo que as flores que
engaiardavam o seu bello
jardim lhes falavam coisas
mysteriosas, ella embarçada
ainda, pallida por incidente
evitavel, disse com certa
graça, que não deixava de
revelar o seu bom coração:
— Ide passaro, voai pela
amplidão do infinito; eu não
vos queria para fazer mal;
desejava acariciar-vos em
minhas mãos: da minha im-
prudencia, perseguindo-vos,
pelos canteiros em fóra, rece-
bi o castigo; estou satisfeita.

Voai passaro!
Era quasi noite.
Laurita dirigiu-se para sua
residencia, e examinando as
suas pequenitas mãos picadas
pelos espinhos do rosal prometteu
de nunca mais perseguir
os passaros.
Campinas, maio de 908.

JOÃO SOLIDARIO.

O PESCADOR

Sentado á margem de um
pequeno rio, vêmos um ho-
mem que distrahe as suas
maguas, pescando.

Nada o vem perturbar
sinão o sussurrar das aguas
que passam ou algum sabiá
que melancolicamente gorjeia
na mata.

O sol descamba no occaso
e nuvens vermelhas espal-
ham-se pelo azul do céu.

Ao seu derredor descortina-se
uma linda paisagem:
— á frente uma pequena colina
toda matizada de flores,
e ao lado, numa encosta
vê-se o verde escuro de um
pequeno capão de matto
donde partem o cantico dos
urús que se despedem do
dia e os pios dum inhambú
chamando os companheiros.

O pescador, homem já ido-
so de barba cerrada e de
fartos bigodes, traja roupa
de brim, propria para o ve-
rão. Fuma tranquillamente
e para elle tudo é estranho,
mesmo os variantes aspec-
tos da natureza ao descam-
bar do sol, mesmo as diffe-

rentes formas que tomam as
bafadoras de fumo ao des-
fazerm-se no ar.

A sua attenção está presa
á pescaria, não se importan-
do com as horas que
passam ligeiras.

Elle não vendo que a na-
tureza já se cobre com o
manto da noite, ainda contin-
tando a satisfazer os seus
caprichos.

Leonidas C. Serra.

O grillo e a borboleta

Um pequenino grillo, escon-
dido entre as folhas verde-
escuras de um pé de violetas, lan-
çava os seus olhares de inveja
a uma borboleta que se achava
no jardim.

Queris possuir as azas doura-
das deste insecto para pousar
sobre os brancos lyrios e beijar
as petalas macias das rosas;
desejaris ter o canto mavioso
de um canario, para ás tardes
encantar os ouvidos de quem
transitasse por aquelle horto,
quando os ventos ciciassam nas
folhagens e o murmuro dos cor-
regos viessem mais doemente.

Elle, andaz e encantado pelas
cores cambiantes que ornavam
as azas da borboleta, matejava
por entre as nuuegas para não
perde-la de vista.

Um bando de meninas entra
no jardim correndo pelos can-
teiros das camellias e das dilias,
umas com chapéus, outras
com aventaes para, spiderar do
animalzinho de suas cubicas.

Uma das loiras erianças conse-
guitu apañarla, depois de
muitos esforços, mas no meio
daquelle multidão travessa ficou
em mil pedacos.

E o pequenino grillo escondido
entre as folhas de um outro pé
de violetas lançava os seus cha-
ros de tristonha, e meditando
bem, contentou-se com a sorte
que Deus lhe dá.

A. Figueiredo



ALMOÇO POR

TELEGRAMMA

Acha-se o nosso collega
Dutra gosando as ferias em
Itatiba.

Um bello dia resolve fazer
uma viagem, e o lugar es-
colhido foi Belém de Des-
cauído.

Eis o nosso amigo todo
atarefado em arranjar a
ligeira.

Chegando á estação, co-
meça a parafusar, passando
a mão pelo *casiquan mig-
non*, perguntando a si mes-
mo: — como hade ser? não
conheço a cidade... mas lá
está o Timotheo, passo-lhe
um telegramma e assim es-
tou arranjado. E zax segue
ao Timotheo um telegramma
nestes termos:

Sigo espera almoço etc. etc...
O nosso bom Timotheo
recebe o telegramma e ficando
meio boquiaberto exclama
não é que o Dutra achou
de me mandar um almoço?

Em todo caso vou vel-o
que qualidade é.

Dirige-se á estação, a-
visando em casa que não
fizessem almoço, pois chega-
va um supimpa de Itatiba.

O comboio entra fumegan-
do na estação; lá está o
bom Timotheo.

Derrepente oh! surpresa!
dá cara a cara com o Dutra
que diz: recebestes o meu
telegramma?

Recebi o telegramma mas
o almoço ainda não chegou...

Jorilocar

Campinas 15-5-908

SILHURTAS

Para o rabiscador desta secção,
muito difficil é descrever
com a expressão da palavra
escripta, os traços physicos
que caracterisam os nossos
collegas. A epigraphie já de-
nuncia o que seja esta secção,
e a medida que nossas forças
se aperfeioam nos havemos
de esforçar para a realisação
do nosso *desideratum*, si bem
que para isso falleçam nos
las forças e competencia.

I

Nascida talvez por occasião
das efflorescências primaveris,
a nossa distincta collega é es-
belta e ativa. Um sorriso
doce, puro, um sorriso de
pessoas felizes, brinca constan-
tamente em seus labios.
Os seus olhos tem um bri-
lho excessivo; a sua fronte é
ampla, o que indica com e-
loquencia uma intelligencia
cultiva.

A sua cutis cõr de jaspe,
muito concorre para sobre-
sahir os seus sedosos e pre-
tos cabellos que, em ondas
revoltas se repartem ao meio.

E' esbelta como a *palmeira*
(que *mira* a placidez do mar
da terra de Castro Alves.

Quem não a conhece?

Contudo, quem quizer
passar algumas horas alegres
com a nossa gentil
collega, éir até ao Guana-
bara, e lá achará meiga e
sorridente, no doce remanso
do lar, aquella que nos ha-
de desculpár tamanha... au-
dacia.

II

Leader da bancada ampa-
rense junto á Escola, é elle
um rapaz alto, de tez more-
no-clara, cabellos negros
como azeviche e nariz grego.
Intelligente, estudioso, é do-
tado duma bondade extrema,
sabendo em pouco tempo,
conquistar a amizade de
seus collegas. E' alegre e
expansivo, como todos os
que levam uma vida feliz
sempre tapizada de flores.

J. Cinkar.

GARNEY

Completeram mais um
anno de feliz existencia:

— a 23 de abril — o nosso
collega, sr. Levindo Cintra,
e a 27 o sr. João Solidario,
alumno do 3º anno desta Es-
cola.

— a 13 do corrente, a
segund' annista, senhorita
Zulmira de Araujo.

— a 14 do mez vigente
a exma. senhorita Olga Fer-
reira, distincta professoran-
da e os nossos collegas srs.
Sizenando Leite e Lasaro
Timotheo do Amaral.

— a 20 a gentil comple-
mentarista, senhorita Lydia
Miranda.

